



Os processos de ensino-aprendizagem na filosofia Madhyamika

Luciana Fernandes Marques¹

Resumo: A filosofia Madhyamika é parte da tradição do Budismo Mahayana fundada pelo Indiano Nagarjuna e é frequentemente mal compreendida como uma visão niilista da realidade. Entretanto, ela também é conhecida como a Escola do Caminho do Meio que refuta qualquer visão extremista. Nela encontramos várias provocações sobre a existência dos fenômenos, em especial a desconstrução, pela análise racional, da visão de que eles têm uma existência própria inerente e separada. A idéia é esboçar um diálogo entre esse sistema filosófico e a educação ocidental nas suas possíveis implicações em cenas de ensino-aprendizagem. O argumento central deste escrito é a possibilidade de encarar o budismo enquanto caminho de (des)aprendizagem e exemplificar isso com alguns contos e fábulas budistas. Estes questionamentos surgiram ao questionar algumas das bases corriqueiras na educação atual como a de que aprender é adquirir algo.

Palavras-chave: Educação; Budismo; Ensino-aprendizagem; Madhyamika.

*Enquanto você certamente aprendeu e entendeu as
muitas palavras adoráveis do Poderoso Buda,
não é como algo assim feito de giz pela luz do luar
e que resplandece num branco ainda mais brilhante?*

(Nagarjuna, 2013:84)

¹ Professora Associada II do Departamento de Ensino e Currículo, Faculdade de Educação UFRGS. Pesquisadora do NER – Núcleo de Estudos da Religião, UFRGS.

O caminho além dos extremos

O termo Madhyamika é usado tanto para referir-se à Filosofia Madhyamika quanto ao estudante/praticante que segue essa filosofia (Khyentse Rinpoche, 2003). Neste escrito o mesmo será referente a essa filosofia que é parte da tradição do Budismo Mahayana, também chamado Grande Veículo, e fundado por Nagarjuna (150 d.C – 250 d.C) sendo considerada uma escola filosófica de análise altamente crítica e dialética (Garfield, 1994). Um dos maiores e mais conhecidos textos de Nagarjuna é *Mulamadhyamikakarika*, “Versos fundamentais sobre o Caminho do Meio” (Nagarjuna, 2012). Essa é uma filosofia indiana do século II proveniente da histórica Universidade Nalanda e que oferece uma visão de realidade bastante pontuada pela inefabilidade da verdade última que só poderia ser conhecida, em última instância, através de estados meditativos. A inefabilidade da verdade última, conforme aqueles que a experimentaram, se refere a impossibilidade de traduzir essa experiência em palavras. Um pouco como querer explicar o gosto do sal para alguém que nunca provou. Talvez em função disso, ao pesquisar um pouco mais sobre a tradição Madhyamika em variadas fontes, fica evidente como ela é interpretada como sendo uma visão niilista da realidade transpassada pelo conceito de vacuidade (que é o seu tema principal). Essa escola é tida por muitos autores como uma filosofia que propaga o niilismo (Westerhoff, 2016), muito provavelmente em função da ênfase no conceito de vacuidade.

A Escola Madhyamika é escolhida neste trabalho como o contexto budista para essas indagações porque ela apresenta uma visão que é comum a várias escolas budistas, ao Sutrayana, Mantrayana e a Grande Perfeição e também por esse aspecto da vacuidade, o que soa desafiador numa sociedade em que os vazios são considerados como ausências, como algo em falta. A visão Madhyamika é a do caminho do meio que refuta qualquer visão extremista, seja a de que há, em última instância, algo absoluto e transcendente, seja a de que nada existe. Nas origens históricas dessa filosofia, o debate já girava em torno do niilismo em oposição ao eternalismo e os seus proponentes defendiam que nenhum desses extremos condiz com a realidade. Mais recentemente alguns filósofos proeminentes enfatizaram outros elementos relacionados à questões conceituais (James, 2017) do quanto a imputação, a construção e a dependência de conceitos se relaciona com a noção de vacuidade que é para onde convergem a maioria dos ensinamentos budistas e também na escola Madhyamika.

Segundo o dicionário Michaelis (2019) o termo niilismo se refere a: (1) Redução ao nada; aniquilamento. (2) Pensamento que considera as crenças e os valores tradicionais da sociedade como infundados e inúteis. (3) Negação completa das leis e de todas as instituições formais. (4) Completo e absoluto espírito destrutivo em relação ao mundo e ao próprio eu. (5) Na política, se refere à ideologia que teve origem na Rússia, na segunda metade do século XIX, que pregava a destruição das instituições políticas e sociais, para que se criasse uma nova sociedade. No senso comum, chama-se de niilista aquele que acredita que nada existe ou que nada tem valor. Mas o conceito de vacuidade na Escola Madhyamika não é endereçado a essa concepção de vazio, mesmo porque esse seria um ponto de vista extremado. Como descreve Garfield (1994), quando um filósofo Madhyamika diz que a mesa é vazia, essa afirmação, em si, está incompleta, pois convida a perguntar: “Vazia de que?”. E ele responde, a mesa é vazia de existência inerente, de uma auto natureza, ou em termos mais ocidentais, de uma essência. Então, não quer dizer que a mesa não exista de forma alguma. Ela não existe enquanto um ente independente de causas e condições. Se ela depende de causas e condições, não possui uma identidade separada, mas sim é composta de múltiplos elementos. A ausência de um ente que caracterize a mesa aponta para uma existência interdependente. Se tirarmos os pés da mesa, ela segue sendo uma mesa? Se ela for exposta ao fogo e virar cinzas, seguirá sendo mesa? Do ponto de vista do observador, ela poderia ser considerada um banco, ou uma escultura e não uma mesa? Se a mesa não existe fechada em si mesma, independente dos fatores que a compõe (inclusive o próprio observador que lhe confere a interpretação e o sentido), qual é a natureza da mesa?

O conhecido paradoxo do navio de Teseu apresenta a mesma provocação sob um outro prisma. O navio teria passado muito tempo em alto mar e teve muitas das suas peças trocadas. Mesmo depois, teria sido mantido pelos atenienses, embora todas as suas peças de madeira já apodrecidas tivessem sido substituídas (Plutarco, 1991). Essa história serviu de reflexão posterior sobre a existência do navio, já que tendo sido trocadas todas as suas peças, era o mesmo navio ou era outro? Nenhuma resposta parece resolver o paradoxo sem aniquilá-lo a uma simplificação apenas conceitual que não é o que observamos na vida cotidiana, na qual os fenômenos são interligados, passíveis de infinitas interpretações e carentes de uma identidade fixa e imutável. Não podemos dizer que o navio era outro e nem podemos dizer que era o mesmo.

Nagarjuna levou o conceito de vacuidade às últimas consequências dizendo que a própria vacuidade é, em si, vazia, sendo meramente um aspecto da realidade convencional. São

inúmeras as implicações dessa linha de raciocínio para a forma como habitamos nossa própria mente e, por conseguinte, o mundo. Como afirma Khyentse Rinpoche, porque não entendemos essa visão mais ampla, nós ainda nos apegamos ao sofrimento primordial (Khyentse Rinpoche, 2003). O sofrimento primordial a que ele se refere é o caminho conceitual dos extremos, quando tentamos encontrar uma resposta única e final que nos dê certa segurança na vida. A Escola Madhyamika é o caminho além do apego conceitual, é a escola do caminho do meio em que os extremos são evitados. Da forma como percebo, as visões extremas podem dar uma segurança inicial, mas ao final falham ao explicar a realidade, já que nossos conceitos são apenas conceitos sobre a realidade e não a realidade em si. Muitas teorias divergem quando tratam dos mesmos fenômenos, revelando que as teorias dos fenômenos não são os próprios fenômenos; ou, por exemplo, o mapa não é o território. Em termos individuais nossa percepção também pode ser bastante influenciada por nossos condicionamentos sociais, culturais e por nosso estado de humor e estado físico. Em geral, estamos cheios de conceitos e opiniões sobre tudo. Nas sociedades ocidentais parece muito humilhante aceitar o não saber, enquanto no oriente isso é exaltado como sabedoria (naturalmente extrapola-se aqui a uma generalização passível de críticas). A seguir uma bela ilustração nessa vertente:

Há um conto Taoísta sobre um velho fazendeiro que trabalhou em seu campo por muitos anos. Um dia seu cavalo fugiu. Ao saber da notícia, seus vizinhos vieram visitá-lo.

“Que má sorte!” eles disseram solidariamente.

“Talvez,” o fazendeiro calmamente replicou. Na manhã seguinte o cavalo retornou, trazendo com ele três outros cavalos selvagens.

“Que maravilhoso!” os vizinhos exclamaram.

“Talvez,” replicou o velho homem. No dia seguinte, seu filho tentou domar um dos cavalos, foi derrubado e quebrou a perna. Os vizinhos novamente vieram para oferecer sua simpatia pela má fortuna.

“Que pena,” disseram.

“Talvez,” respondeu o fazendeiro. No próximo dia, oficiais militares vieram à vila para convocar todos os jovens ao serviço obrigatório no exército, que iria entrar em guerra. Vendo que o filho do velho homem estava com a perna quebrada, eles o dispensaram. Os vizinhos congratularam o fazendeiro pela forma com que as coisas tinham se virado a seu favor.

O velho olhou-os, e com um leve sorriso disse suavemente:

“Talvez.” (Kuwan, 2011).

Se poderia dizer: “Bem, naquele momento em que o cavalo fugiu, foi realmente um azar. Por que o fazendeiro não aceita o infortúnio?”. Para ele realmente seria um sofrimento concluir pela interpretação negativa do fenômeno, além de enganosa, já que não é definitiva. Igual foi sua reação frente a fortuna de ver o filho não ir para a guerra. Nota-se que, no conto, as emoções do fazendeiro também não oscilam com os extremos, já que ele está imbuído da dúvida: “Talvez”. Não seria esse um equilíbrio saudável diante de circunstâncias mutáveis e da nossa interpretação sempre duvidosa?

Aprender a não-saber?

O intuito inicial deste estudo foi o de visitar pistas nos escritos Madhyamaka sobre a visão do caminho do meio e suas formas de conceber a mente, a realidade e ver quais as implicações dessas reflexões ao que consideramos como sendo aprender e educar-se no processo ensino e aprendizagem. Dessa forma, parece válido que, ao abordar dita tradição, conte-se com argumentos tanto de cientistas quanto de filósofos, religiosos e romancistas (que tão bem ilustram certos argumentos). A indagação surgiu ao observar o quanto as definições científicas de mundo influenciam o processo ensino-aprendizagem no ocidente gerando conceitos excludentes do tipo ou isto, ou aquilo, em que o paradoxo tem pouco espaço. A fim de evitar o não-saber e o paradoxo, nos apressamos em designar a identidade de objetos e fenômenos sem o cultivo da dúvida. Entretanto, nas escolas filosóficas orientais são comuns a dúvida, as reticências e algumas indefinições. Igualmente intrigante é o fato da meditação, enquanto prática presente nessas filosofias apontar para um esvaziamento de conceitos e para ampliação da experiência do “não saber”, o que sugere um outro tipo de aprendizado. Um bom exemplo é encontrado em Miklos (2010: 14) que reproduz o clássico conto zen:

Nan-In, um mestre japonês durante a era Meiji (1868-1912), recebeu um professor de universidade, que veio lhe inquirir sobre o Zen. Este último iniciou um longo discurso intelectual sobre suas dúvidas.

Nan-In, enquanto isso, servia o chá. Ele encheu completamente a xícara de seu visitante, e continuou a enchê-la, derramando chá pela borda.

O professor, vendo o excesso se derramando, não pode mais se conter e disse: “Está muito cheio! Não cabe mais chá!”

“Como esta xícara,” Nan-in disse, “você está cheio de suas próprias opiniões e especulações. Como eu posso lhe demonstrar o Zen sem que você primeiro esvazie sua xícara?”

Para o esvaziamento da xícara, ou criação de um espaço e receptividade interior podem ser indicadas muitas práticas, entre elas a meditação. Existem inúmeras formas de meditação e ela pode ser uma técnica de aprender e/ou desaprender coisas. Quando, por exemplo, se diz que Buda foi aquele que revelou a natureza da mente (Chagdud Rinpoche, 2012) a que tipo de processo de aprendizagem estamos falando? Há alguma relação entre revelar essa natureza e o que convencionalmente conhecemos como aprender (ou mesmo desaprender) no ocidente? Essa indagação remete ao budismo enquanto um caminho que parece lidar todo o tempo com aprendizagem. E aqui se poderia perguntar: não seria a própria vida um percurso contínuo de aprendizagem/desaprendizagem/reaprendizagem?

Para algumas pessoas, o processo de aprender é visto como várias etapas em que um algo a mais vai se agregar às capacidades, habilidades e informações já presentes. Mas raramente o aprender refere-se a processos de remoção ou como um processo de “descascar”, remover camadas. Mas em última instância, o que definirá as concepções de aprendizagem são os consensos e o autor que lhes dá voz. Como diz o próprio Nagarjuna, nossas convenções e nossos enquadramentos conceituais nunca podem ser justificados demonstrando sua correspondência com uma realidade independente, mas ao contrário, o que consideramos como real depende de nossas convenções (Garfield, 1994). Entretanto, nossas convenções ocidentais buscam respostas finais e definições que excluem opostos. A incoerência, o paradoxo, a dubiedade, ao invés de nos provocar a abrir nossas concepções a um maior número de possibilidades, nos amedrontam e geram desconfiança. Enquanto que mais ao oriente vemos outras perspectivas:

A verdade, dizia um antigo mestre chinês, não é nem isso, nem aquilo. É como um cão ansioso diante de uma tigela de gordura fervente. Ele não pode desistir dela porque é saborosa demais e não pode lambê-la porque está quente demais.

Portanto, como nos relacionamos com essa pressão? De algum modo, alguém afinal precisa nos encorajar a sermos curiosos diante desse território desconhecido e de uma questão que é irrespondível: o que vai acontecer em seguida? (Chödrön, 2012: 126)

E quem será esse alguém a nos encorajar? Nossos professores, mestres, instrutores? Mas e se eles têm a visão de que há uma, e tão somente uma resposta certa, e eles respondem e fecham a questão? Bem, ficamos com apenas uma verdade. Será ela absolutamente

verdadeira? Em todas as situações? Sob todas as variadas condições? Khyentse Rinpoche (2017) afirma que uma das belezas mais distintivas do darma do Buda é que enquanto você diz verdades, você não nega as mentiras.

O budismo, em geral, visa trabalhar a mente, através de inúmeros métodos. No ocidente, geralmente trabalhamos nossa mente de forma voluntária em terapia, em algumas tradições, práticas de autoajuda e no âmbito educacional. Da forma como compreendemos as religiões, elas nem sempre são associadas ao trabalho mental e psicológico. Mais comumente vemos as religiões enquanto instituições associadas a questões sociais, cultos, textos sagrados e instituições. A mente, da forma como é concebida por algumas escolas budistas, é como um projetor de realidades, tanto ao interpretar fatos quanto ao criá-los, forjando as causas e condições que lhe dão origem, ainda que muitas vezes isso possa se dar involuntariamente (ou desavisadamente, o que poderia ser considerado como ignorância). A realidade em si, vista sob o prisma da sua interação com a mente, se distancia da visão cartesiana de uma realidade separada do sujeito. Melhor falando, talvez sejam visões de realidade. Isso indica a presença, no budismo, de uma epistemologia própria em que sujeito-objeto e ação são considerados indissociáveis na sua natureza primordial, o que em nada remete a um caos primordial, mas sim a uma lógica analítica bem estruturada, mas nem por isso exaustiva conceitualmente, pois em algum ponto pode remeter ao não conceitual. Há espaço para o vazio e para o paradoxo. Muito espaço.

Alguns contos budistas exploram o quanto a meditação e o caminho espiritual podem ser uma forma de “desaprender” tudo o que nos constitui enquanto seres sociais e culturais para que possamos chegar a uma outra visão, a verdadeira, conforme proclamado por seus defensores. Essa visão “verdadeira” é a que contém o vazio, o paradoxo, o espaço, a dúvida, o não-conceito. Uma história contada por Khyentse Rinpoche (2019) representa bem essa outra perspectiva:

Se você pergunta a um budista, a um yogi, um praticante, “O que é um momento?”. Isto é o que um yogi budista diria: um pomba vem e pega um guardanapo uma vez a cada cem anos e voa sobre Machu Picchu e toca a ponta [do topo]. Esta pomba faz isso uma vez a cada cem anos. A cada vez que toca a ponta, há uma erosão. Então chegará um momento em que Machu Picchu ficará plano. Tudo isso é um momento. Porque o tempo é relativo.

Talvez...

As questões, então, do que seja aprender, ensinar, desaprender, reaprender nessa filosofia surgiram na tentativa de ir além do que sabemos no senso comum ou pelo menos questionar algumas das bases corriqueiras na educação atual como a de que aprender é ganhar, obter, adquirir coisas como conhecimentos, compreensões, habilidades.

Ainda que se possa ir às raízes da profundidade desse amplo sistema budista (filosófico, psicológico, cosmológico e etc.), ele pode ser bastante básico, resumindo-se a poucas sentenças, ou mesmo duas palavras, “Dome sua mente” (dita pelo Buda). Mas essas palavras só surtem efeito para aqueles que já possuem um sistema de compreensão mais amplo capaz de decodificá-las. Ou ainda, aos que já “descascaram” parte dos filtros que vamos agregando na nossa educação que obtém coisas do assim chamado mundo-lá-fora. Embora muitos preceitos possam ser sugeridos nesse processo, junto ao “dome sua mente” o importante é que a pessoa comece por onde ela está, com seus potenciais e limitações (Chodron, 2001) e aos poucos vá despindo camadas conforme sua capacidade e condições de vida; o que torna o processo bastante individual e singular, sem preceitos universais. Isso, de alguma forma, ecoa muito mais como terapia e desenvolvimento pessoal do que como uma religião, nos moldes como a conhecemos. Assim, o budismo soa mais como um caminho de autoconhecimento e autotransformação do que propriamente como uma religião.

Talvez formular perguntas seja a forma mais honesta (e rigorosa) de fazer pesquisa, já que, como dizia Popper (2004), todo conhecimento é provisório e falível e as respostas apenas fecham a discussão. A escola Madhyamika traz várias provocações nas suas asserções sobre os fenômenos, em especial desconstruindo pela análise racional a visão de que os fenômenos têm uma existência própria inerente. Nesse sentido ela dá suporte para o argumento central deste escrito de que o budismo enquanto caminho de (des) aprendizagem pode ser secular, pode ser científico, mas contém também nas suas fundações, elementos religiosos como fé, devoção, crenças, rituais, etc. O que se tentou provocar nesta breve reflexão foi um reexame do que consideramos aprender, re-aprender, des-aprender e o quanto nossas concepções podem ser marcadas por extremos.

Referências

- CHAGDUD RINPOCHE, Tulku. 2012. **O caminho budista: uma breve introdução**. Três Coroas: Makara.
- CHÖDRÖN, Pema. 2012. **Quando tudo se desfaz: orientação para tempos difíceis**. Rio de Janeiro: Gryphus Editora.
- CHÖDRÖN, Pema. 2001. **Start where you are: A guide to compassionate living**. Boulder: Shambhala Publications.
- GARFIELD, Jay L. 1994. Dependent Arising and the Emptiness of Emptiness: Why Did Nāgārjuna Start with Causation? **Philosophy East and West**, 44(2): 219-250.
- JAMES, Simon P. 2017. Madhyamaka, Metaphysical Realism and the Possibility of an Ancestral World. **Philosophy East and West**, 68(4): 1116-1133.
- KHYENTSE RINPOCHE, Dzongsar Jamyang. 2003. **Introduction to the Middle Way Chandrakirti's Madhyamakavatara** With commentary by Dzongsar Jamyang Khyentse Rinpoche. Dordogne (France): Khyentse Foundation.
- KHYENTSE RINPOCHE, Dzongsar Jamyang. **The Power of Stupas – Part 1**. Bariloche, Argentina, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dXt7TwsHioA> Acesso em: 15/03/2019.
- KHYENTSE RINPOCHE, Dzongsar Jamyang. **Compassion, Avalokiteshvara and the Thousand Hands Sutra** Part 1. Seoul, Korea, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vs9gKIpc9M4> Acesso em: 29/04/2019
- KHYENTSE RINPOCHE, Dzongsar Jamyang. **Hinamudra** (Parte 1 a 6), 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCkoPR8S0zIQmbsM9kVuMx7g> Acesso em: 11/10/2018
- KUWAN, Aoi. Site Aoi Kuwan, conto postado em 2011. Disponível em: <https://aoikuwan.com/2011/09/23/conto-zen-talvez/> . Acesso 29 de jan. de 2019.
- MICHAELIS, **Dicionário Online da Língua Portuguesa**. Ver Niilismo. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/niilismo/>. Acesso em: 25 de jan. de 2019.

- MIKLOS, Claudio. 2010. **A Arte Zen e o Caminho do Vazio: uma investigação sobre o conceito zen-budista de Não-Eu na criação de arte.** (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte, Universidade Federal Fluminense. Orientador: Prof. Dr. Luciano Vinhosa Simão.) Niterói, pp. 143.
- NAGARJUNA. 2012. **Mūlamadhyamakakārikā.** Tradutor: David Kalupahana. Delhi: Motilal Banarsidass.
- NAGARJUNA. 2013. **Letter to a friend** with commentary by Kangyur Rinpoche. Boston: Snow Lion.
- PLUTARCO. 1991. **Vidas Paralelas.** São Paulo: Lisboa.
- POPPER, Karl R. 2004. **A lógica da pesquisa científica.** Editora Cultrix, 2004.
- WESTERHOFF, Jan. 2016. On the Nihilist Interpretation of Madhyamaka. **Journal of Indian Philosophy**, 44(2): 337-376.